

Prestigiando os nossos talentos no mundo dos quadrinhos

Honoring our talents in the comics world

Waldomiro Vergueiro¹

Universidade de São Paulo



10.11606/2316-9877.2023.v11.e220701

Já disseram que o Brasil é um país sem memória. Eu não chegaria a tanto, mas não posso negar que por aqui nem sempre os fatos são lembrados da forma como realmente ocorreram e que muitas pessoas historicamente importantes são esquecidas ou postas de lado com facilidade. Celebra-se com muita frequência o político cuja popularidade está em ascensão, deixando-se de lembrar das falcatruas, dos desmandos, das arbitrariedades que praticou ao longo da vida. Da mesma maneira, ainda mais agora, neste mundo de mídias sociais onipotentes, um simples deslize de alguém - nem sempre necessariamente verdadeiro, mas propalado pelas mídias como se assim o fosse -, pode levar a uma avalanche de acusações contra uma personalidade antes imaculada, podendo ter como resultado o apagamento de toda uma vida de dedicação ao bem público e condenando o acusado a um ostracismo prematuro. Isso pode até representar a correção de uma visão equivocada sobre alguém de destaque e nesse sentido ser socialmente positivo, é certo. Mas o pior também pode ocorrer e uma injustiça ser perpetrada sob a égide de uma suposta, mas não provada acusação. Pois vivemos tempos em que todo mundo é culpado até prova em contrário. Mas essa prova nunca existe – ou, se existe, ninguém a aceita ou sequer considera válida.

Por todos esses motivos, deve-se festejar quando os pioneiros de algumas áreas culturais, produtores com sólida contribuição para aquele

¹ Professor titular sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP. Email: wdcsverg@usp.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7256-1681>.

ambiente criativo, são devidamente reconhecidos e valorizados. Na área de quadrinhos, esse reconhecimento e valorização não são estranhos à produção e mercado editorial internacionais, com a biografias de artistas e coletânea de suas obras sendo há várias décadas constantemente publicadas, fazendo justiça a anos de dedicação ao meio. No Brasil, isso não costumava ser uma prática usual, com o brilhantismo dos autores muitas vezes se perdendo na memória de seus aficionados. A prática de reconhecimento da importância de artistas que colaboraram para o desenvolvimento dos quadrinhos brasileiros desde os seus primórdios, muitas vezes falecidos há anos, foi, durante muito tempo, praticamente uma meritória exclusividade da Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-ESP), na celebração anual do Dia do Quadrinho Nacional (30 de janeiro), quando a entidade profissional lhes concedia formalmente o título de “mestres dos quadrinhos”. Uma homenagem admirável, sem dúvida. Mas talvez ainda muito pouco perante o que alguns desses pioneiros realizaram.

Felizmente, os últimos anos presenciaram alguma mudança nessa situação. As editoras Criativo e GRRR!, de São Paulo, em parceria bastante feliz, lançaram a coleção Biografia Ilustrada, dedicada à recuperação da memória do quadrinho nacional pela narrativa da vida e realizações de seus principais artistas. A seleção de biografados, até o momento, tem se mostrado bastante promissora, enfocando alguns profissionais já falecidos, como Gedeone Malagola (Guedes, 2021), Minami Keizi (Keizi, 2021) e Miguel Penteado (Chaves, 2022), e também alguns que ainda estão entre nós, como Paulo Fukue (Nagado, 2022), R. F. Lucchetti (Chinen, 2020) e Franco de Rosa (Chinen, 2022). Nesta última categoria (felizmente) estão os dois últimos autores que foram objeto de atenção da coleção, os desenhistas Ignácio Justo e Getúlio Delphim, cujas biografias foram lançadas em 2023, elaboradas, respectivamente, por Alexandre Nagado e Marcos Massolini (figuras 1 e 2). Ambos os biografados já passaram da casa dos 80 anos – Justo com 91 e Delphim com 85 anos -, e, sem dúvida, os envolvidos na homenagem aos artistas merecem todo o nosso reconhecimento. Afinal, é de conhecimento geral que a área de quadrinhos no Brasil, tradicionalmente, ofereceu escassas compensações materiais aos que a cultivaram, deixando muitas vezes que profissionais talentosos terminassem sua vida no esquecimento e sem ter sua contribuição para a área reconhecidas. Aos

biografados, ter sua carreira devidamente registrada e devidamente valorizada pode representar uma fonte de satisfação pessoal e contentamento. Que eles, certamente, merecem saborear.

Figuras 1 e 2 – Capas das biografias de Ignacio Justo e Getúlio Delphim



Fonte: Acervo do autor.

As duas obras seguem o modelo da coleção, trazendo relatos biográficos bem tradicionais, nos quais é seguida uma ordem cronológica rígida. De uma infância - pobre e repleta de dificuldades econômicas no caso de Delphim, à prematura perda de pais e avós no de Justo, embora bem situada financeiramente -, segue-se para a realização dos sonhos da juventude, os primeiros trabalhos, o engajamento nos quadrinhos e as realizações na área. O tom é sempre panegírico, deixando claro que se trata de uma obra-homenagem, objetivo expresso da coleção. Da mesma forma, os fatos são apresentados de maneira quase ininterrupta, um se sucedendo ao outro, como se o fio da vida levasse os biografados para pontos determinados e eles apenas concordassem em segui-lo, sem contestações ou titubeios.

Um aspecto interessante das biografias é que, ao seguir a vida dos dois artistas em destaque, o leitor toma também conhecimento do desenvolvimento

da indústria de quadrinhos no Brasil. No caso de Delphim, artista que, pode-se dizer, teve uma vida profissional meio cigana, indo para muitos lugares, atuando em diversas empresas editoriais e se engajando em muitos projetos, esse acesso ao ambiente de produção dos quadrinhos no Brasil é mais espraído, abrangendo vários estados do país, embora esse enfoque mais geral ocorra com menos frequência e em formato de pílulas, diferentemente do que ocorre com a narrativa da carreira de Ignacio Justo, artista que concentrou suas atividades na cidade de São Paulo, na qual os passeios pelo contexto mais amplo da produção quadrinística são muito mais generosos e abundantes em detalhes.

A ânsia de tudo relatar, de nada deixar ao acaso na vida dos artistas homenageados acaba levando os autores das obras, no entanto, a cometer alguns excessos. Relatos de acontecimentos periféricos, dos quais os biografados participaram apenas marginalmente e que, poderíamos dizer, pertencem mais ao campo do anedotário, acabam tendo um destaque desnecessário e recebendo tons de seriedade que lhes seriam por natureza indevidos. O mesmo se pode dizer em termos de algumas informações que aparecem repetidas, às vezes mais de uma vez, inclusive mencionadas por alguns dos admiradores, colegas e discípulos de Justo ou Delphim, cujos depoimentos aparecem no final de cada uma das obras. Não que isso represente um grande demérito, mas futuras edições das obras certamente poderiam se beneficiar de uma revisão em relação a essas repetições.

Uma das características mais salientes dos dois livros é o abundante uso de figuras e fotografias, abrangendo obras, personalidades do mundo dos quadrinhos ou político, bem como do próprio biografado e sua família. As ilustrações colaboram para suavizar o ritmo de informações e chegam mesmo a dar a impressão, em alguns momentos, de que se está não apenas lendo um livro sobre alguém de destaque, mas também folheando seu álbum de fotografias. Pode-se até, eventualmente, no caso específico das duas obras aqui resenhadas, encontrar algumas fotografias que constam de ambas. Como os dois artistas foram contemporâneos e frequentemente circularam nos mesmos ambientes, isso não chega a surpreender.

A coleção Biografia Ilustrada certamente fica mais rica com o acréscimo dos relatos sobre as vidas e proezas de Ignácio Justo e Getúlio Delphim, com certeza dois grandes baluartes do quadrinho nacional. Ambas as obras tratam

seus objetos com muito respeito e veneração, conseguindo salientar nos dois biografados suas características e qualidades mais marcantes. É um contraste muito interessante e, nesse sentido, ter realizado a leitura das duas obras em sequência me traz uma percepção mais abrangente de dois admiráveis autores dos nossos quadrinhos. Se o espírito irrequieto e aventureiro de Delphim lhe permitiu atingir níveis de produtividade e brilhantismo pouco usuais na sua atividade profissional, o altruísmo de Justo, aliado a seu perfeccionismo técnico, permitem colocá-lo em uma posição única na produção de quadrinhos no Brasil.

Vale a pena conhecê-los a fundo.

Referências

CHAVES, Dario. *Miguel Penteado*: em defesa do quadrinho nacional. São Paulo: Criativo; GRRR!, 2022.

CHINEN, Nobu. *Franco de Rosa totalmente franco*. São Paulo: Criativo; GRRR!, 2022.

CHINEN, Nobu. *Os três mundos de R. F. Lucchetti*. São Paulo: Criativo; GRRR!, 2020.

GUEDES, Roberto. *Gedeone Malagola*: o guerreiro dos quadrinhos. São Paulo: Criativo, 2021.

KEIZI, Minami. *Minami Keizi*: as origens do mangá no Brasil. São Paulo: Criativo; GRRR!, 2021.

MASSOLINI, Marcos. *Getúlio Delphim*: o ourives do traço. São Paulo: Criativo; GRRR!, 2023.

NAGADO, Alexandre. *Ignácio Justo*: pilotando quadrinhos. São Paulo: Criativo; GRRR!, 2023.

NAGADO, Alexandre. *Paulo Fukue*: o engenheiro de papel. São Paulo, Criativo; GRRR!, 2022.

Recebido em: 23.12.2023.

Aprovado em: 23.12.2023



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional